

FRONTEIRAS CATEGORIAIS DA MORFOLOGIA DO PORTUGUÊS: O CASO DO FORMATIVO ELETRO-*

João Carlos Tavares da SILVA
(Universidade Federal do Rio de Janeiro)

Resumo: *Estudo sobre o elemento morfológico eletro- nas construções eletro-X, em que X é uma palavra de livre curso na língua, a exemplo de ‘eletrobalança’. Com base na noção de escalaridade, continuum e prototipicidade, pretende-se descrever e analisar o formativo eletro-, com o objetivo de averiguar seu estatuto morfológico nas construções eletro-X. Pretende-se também mostrar que o formativo eletro- é um bom exemplo da maleabilidade entre as fronteiras categoriais.*

Palavras-chave: *Continuum Derivação-Composição, Categorização, Prototipicidade, Radialidade.*

PALAVRAS INICIAIS

Este trabalho se dedica à análise do elemento morfológico eletro- nas construções eletro-X, em que X¹ é uma palavra de livre curso na língua, a exemplo de ‘eletrobalança’.

O formativo eletro- tem origem no grego clássico *elektron*, que, segundo Cunha (1982), significa “âmbar amarelo”. O âmbar é uma substância sólida amarelada que tem a capacidade de atrair pequenos corpos quando atritado. Devido a essa capacidade, o radical eletro- passou a designar um tipo de energia por nós conhecida como eletricidade.

A partir daí, numerosos vocábulos eruditos das áreas científicas foram formados com o radical eletro-, cuja acepção genérica de eletricidade/energia elétrica está presente em todas as formações – ‘eletroacústica’ (física); ‘eletroafinidade’ (química); ‘eletrocapilaridade’ (físicoquímica); ‘eletrocardiografia’ (medicina); ‘eletromiografia’ (neurologia).

Tais vocábulos são comumente conhecidos na literatura linguística como compostos neoclássicos. Atualmente, eletro- tem se prestado, também, à formação de palavras recompostas, como ‘eletrorock’, ‘eletrossamba’, ‘eletrofolia’, ‘eletrobloco’, em que o formativo eletro-comprime o significado do composto ‘eletromusic’ (música eletrônica), e como ‘eletroshopping’, ‘eletroásia’, ‘eletroportátil’, em que eletro- comprime o significado das construções ‘eletrodoméstico’ / ‘eletroeletrônico’.

Os poucos trabalhos que descrevem muito brevemente o formativo eletro- se limitam a falar sobre sua etimologia e/ou a classificá-lo ora como radical (PEREIRA, 1940), ora como afixoide (CUNHA; CINTRA, 1985), ora como prefixo (SANDMANN, 1989). Essa falta de consenso entre os estudiosos sobre a que categoria pertence eletro- se dá justamente pelo fato de eletro- apresentar características tanto de radical quanto de afixo. Além disso, nos poucos trabalhos em que há algo sobre o formativo, não são contempladas as novas formações recompostas, em que há a compactação de ‘eletromusic’ ou ‘eletrodoméstico’, limitando-se a breves comentários sobre as formações conhecidas como neoclássicas.

O problema da categorização das unidades morfológicas vem sendo discutido por diversos autores. A categorização aristotélica tem sido cada vez mais questionada por estudiosos

¹ Há, no *corpus* analisado, apenas um dado em que eletro- não se liga à palavra. É o caso de eletronejo (fusão da música eletrônica com música sertaneja), em que, em vez de se ligar a uma palavra, eletro- se liga a um *splinter*.

como Kastovsky (2009), Ralli (2010), Bauer (2005), Gonçalves & Andrade (2012), Gonçalves (2011a), que, observando e estudando o comportamento e as características dos processos de formação de palavras, perceberam a inviabilidade de classificações rígidas. Advogam, então, em prol da maleabilidade entre as fronteiras categoriais, com base nas noções de *continuum*, prototipicidade e radialidade.

Em modelos teóricos que se baseiam nessas noções, os formativos não precisam compatibilizar com todas as características esperadas para uma determinada classe. Elas na verdade se acomodam em algum ponto do continuum, aproximando-se ou se afastando mais do modelo que se espera para uma dada categoria X ou Y.

É com base nessa noção de escalaridade que sustentaremos a análise e a descrição do formativo eletro-, com o objetivo de averiguar seu estatuto morfológico nas construções eletro-X à luz dos trabalhos de Gonçalves & Andrade (2012) e de Gonçalves (2011a) e mostrar que eletro- é um bom exemplo da maleabilidade entre as fronteiras morfológicas e da noção de estrutura em forma de semelhanças de família, já que partilha semelhanças com todas as categorias que se distribuem ao longo do *continuum* derivação-composição.

UM BREVE OLHAR PARA A CATEGORIZAÇÃO DAS ESTRUTURAS MORFOLÓGICAS

A categorização aristotélica não dá conta de agrupar todos os elementos em classes bem definidas, livres de contestações. Categorias como prefixos, neoclássicos, afixoides, *splinters* e xenoconstituintes, comportam elementos cujos estatutos morfológicos causam bastante polêmica se analisados numa perspectiva discreta.

A distinção entre derivação e composição nem sempre foi algo claro, não só na descrição da língua portuguesa, mas também de várias outras línguas. Bauer (2005) afirma que “*pele menos em francês, há uma longa história de tratar a prefixação como composição e de limitar o termo ‘derivação’ à derivação sufixal*”. Esta confusão entre os limites dos dois processos e tendência a agrupar a prefixação à composição pode ser vista, também, na descrição gramatical de línguas clássicas – grego antigo e latim - (cf. RALLI, 2010) e do inglês (cf. MARCHAND, 1967).

Em português, essa distinção também não se faz nítida entre alguns gramáticos e linguistas. Autores como Pereira (1940) e Mattoso Câmara Jr. (1969, 1976 e 1977) também colocam a prefixação junto da composição. Este último utiliza como um de seus argumentos a natureza da origem dos prefixos. Afirma que os prefixos são de natureza lexical; são variantes presas de formas dependentes – as preposições. Ressalta o autor que, às vezes, falta, no estágio atual da língua, a preposição que corresponderia a um dado prefixo, pois muitas desapareceram e passaram a funcionar apenas como prefixos.

Além de Câmara Jr., outros autores, em trabalhos mais recentes, também chamam atenção para a íntima relação entre preposição e prefixo. Booij (2005) faz comentários acerca do francês e do holandês, línguas em que alguns elementos morfológicos funcionam tanto como preposições quanto como margem esquerda de palavras morfológicamente complexas.

O trabalho de Amiot (2005) faz justamente uma análise de oito formativos do francês (après “depois”, avant “antes”, contre “contra”, em “em”, entre “entre”, sans “sem”, sous “sob” e sur “sobre”), que podem ser usados tanto como preposição quanto como elemento de formação de palavras. Em português, preposições como contra e sem, por exemplo, também podem aparecer como primeiro elemento de palavras complexas – contra-regra e sem-teto.

Fronteiras categoriais da morfologia do português: o caso do formativo eletro-

Outra categoria controversa é a dos elementos neoclássicos. Elementos neoclássicos são elementos de origem grega ou latina que não foram totalmente assimilados pela língua tomadora, diferentemente dos elementos gregos e latinos que entraram precocemente nas línguas européias e que foram fonológica e morfológicamente assimilados, não apresentando, por isso, diferenças estruturais em relação às palavras nativas (LÜDELING, 2009). Para Lüdeling, palavras neoclássicas não são simples empréstimos, mas são formadas por mecanismos que geralmente diferem das formações de palavras com radicais nativos.

Segundo Gonçalves (2011b), o grupo dos neoclássicos “*conta com elementos muito diferentes em termos de estrutura, funcionamento e uso*” (GONÇALVES, 2011b: 16). De fato, tal grupo é uma classe heterogênea de elementos que partilham diferenças e semelhanças como (a) não se combinar com formas livres, aparecendo apenas em palavras mais antigas (antropo- ‘antropólogo’; crono- ‘cronologia’; -agogo ‘pedagogo’; -arqu(ia) ‘monarquia’); (b) combinar-se com formas livres, mantendo seu significado etimológico (pseudo- ‘pseudointelectual’; proto- ‘protolíngua’); (c) quando combinados com palavras, aparecer em estruturas de recomposição (foto- ‘fotomontagem’; tele- ‘telenovela’; homo- ‘homoafetivo’); (d) adquirir estatuto de palavra via truncamento – clipping (oftalmo-); (e) nunca sofrer truncamento (rino-; -nomo); (f) formar palavras em série, seja com sentido mais original (bio- ‘bioacumulação’, ‘bioacústica’, ‘bioativo’), seja ressemantizado via processo de compactação (*secretion*²) (tele- ‘teledenúncia’; auto- ‘autoescola’); (g) ter uso mais restrito, apresentando baixa produtividade (pluvio-; retro-; sino-).

Esse conjunto de características ora aproxima mais os neoclássicos da categoria derivação, ora os aproxima mais da categoria composição, dificultando assim a proposta de um grupo homogêneo que comporta elementos que possuem todos os atributos definidores necessários para uma determinada classe.

Analisando morfológicamente a palavra afixoide, depreendem-se o radical afix- e o sufixo -oide (semelhante a...). O significado de afixoide, então, pode ser parafraseado como “semelhante ao afixo”. Isso significa que é um elemento morfológico que compartilha algumas semelhanças com os afixos e, obviamente, apresenta, também, diferenças em relação a estes. Entretanto, o termo afixoide é utilizado pelos diversos autores de maneira muito diversa, nem sempre se tratando do mesmo tipo de unidade morfológica e/ou partilhando das mesmas propriedades conceituais.

Para Rocha (2008), por exemplo, afixoide são constituintes que ocorrem apenas uma vez, ou seja, em apenas uma palavra na língua. São elementos como -ebre em ‘casebre’; -iça em ‘carriça’(sufixoide), su- em ‘supor’; ‘ob- em ‘obter’(prefixoide).

Sandmann (1989), na seção intitulada semiderivação, define os afixoide como elementos morfológicos que, como os afixos, prestam-se à formação de palavras em série, mas apresentam um correspondente que ocorre livremente na língua, a exemplo de além- e bem-, que podem funcionar não apenas no interior de palavras morfológicamente complexas (‘além-mar’; ‘bem-querer’), mas também como unidades livres (“Ele foi além do que podia ir”; “Manteve-se bem distante do fogo”). Booij (2005), também classifica como afixoide os elementos que possuem um correspondente livre.

² Compactação é o fenômeno em que “*um arqueoconstituente, isto é, um radical neoclássico, adquire, numa relação de metonímia formal, o significado do composto de que era constituente e atualiza esse conteúdo especializado na combinação com novas palavras*” (GONÇALVES, 2011b: 19). Gonçalves adota o termo Compactação, no lugar do inglês *secretion* pois, “*em inglês, o termo secretion remete ao ato ou ao processo de separação, elaboração e envio de substância que preencha adequadamente alguma função*”, motivo pelo qual o autor traduziu *secretion* por compactação.

Autores como Jordan e Manoliu (1980) e Ching (1973) caracterizam os prefixoides como elementos de procedência grega ou latina, cuja introdução na língua tomadora é relativamente recente e de caráter culto e neológico. Tais elementos são usados para cunhar termos técnicos e científicos. a formação de palavras em série é uma característica fundamental para os autores.

Gonçalves (2011a, 2011b), define afixoides como elementos neoclássicos ressemantizados via processo de compactação (*secretion*), que passam a se envolver em novas formações recompostas - definição com a qual concordamos e, por isso, será o conceito de afixoide adotado neste trabalho. Esses elementos, entretanto, como o próprio nome sugere, partilham características tanto de afixos quanto de radicais, sendo mais uma categoria de elementos mal comportados.

Além do caso dos prefixos, dos elementos neoclássicos e dos afixoides (neoclássicos ressemantizados), os *splinters* e os xenoinstituintes também são formativos de difícil classificação. Bauer (2004: 77) define *splinter* como “uma parte de uma palavra que, devido a algumas reanálises da estrutura da palavra original, é interpretada como significativa e posteriormente utilizada na criação de novas palavras.”

Um exemplo de *splinter*, em português, é o elemento -drasta – parte da palavra ‘madrasta’. A partir da incorporação do item ‘mãe’ na palavra ‘madrasta’, via processo de substituição sublexical³, criou-se a palavra ‘mãedrasta’ (“madrasta tão zelosa quanto uma mãe”). O item -drasta, que não tinha estatuto morfológico em ‘madrasta’, passou a se adjungir a outras palavras, como tiadrasta (“irmã da madrasta”), avódrasta (“mãe da madrasta”) e sogradrasta (“mãe do cônjuge”), adquirindo frequência de uso e, conseqüentemente, estatuto morfológico.

Em suma, “*splinters* são pedaços de palavras utilizados com fins lexicais” (GONÇALVES, 2011a: 9) e podem ter sua origem a partir de (a) fusão vocabular (cruzamentos ou substituições sublexicais) ou (b) processo de truncamento (clipping). Além de -drasta, são também *splinters* do português caipi- (‘caipifruta’), -lé (‘sacolé’) e -tone (‘sorvetone’).

Splinters apresentam características tanto de radicais/palavras quanto de afixos. Tais peças morfológicas se realizam em mais de uma palavra prosódica e se vinculam a lexemas⁴, por evocação às formas de onde partiram nas fusões vocabulares ou processos de *clipping* (GONÇAVES; ANDRADE, 2012), o que os aproxima de radicais. Por outro lado, são formas presas com posição fixa à esquerda (choco-) ou à direita (-lé) nas construções de que participam e formam palavras em série, características típicas de afixos.

Xenoinstituinte é definido por Gonçalves & Almeida (2011: 3) como:

Xenoinstituintes são splinters do inglês utilizados para criar novas palavras na língua tomadora, já que podem ser adjungidos a formas vernáculas. Esses elementos morfológicos, em decorrência de sua ampla difusão e disseminação pela internet, acabam se comportando como formativos também na língua tomadora.

³ Gonçalves, Almeida e Andrade (2010) definem substituição sublexical nos seguintes termos: “Compreendemos a substituição sublexical como processo distinto do cruzamento vocabular (‘bestarel’ < ‘besta’ + ‘bacharel’ = “bacharel antipático”; ‘pãe’ < ‘pai’ + ‘mãe’ = “pai zeloso como mãe”). Nas substituições sublexicais, ao contrário do que ocorre nos cruzamentos, uma palavra – por conta da relação formal e semântica que parte dela mantém com outra – é entendida como morfológicamente complexa e, conseqüentemente, reestruturada em função dessa identidade.” (GONÇALVES; ALMEIDA; ANDRADE, 2010: 1).

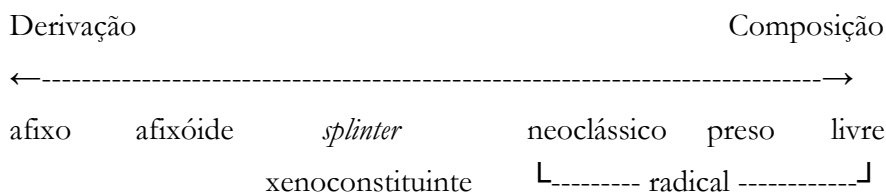
⁴ O termo lexema está sendo usado cf. Mathews (1974) e, por isso mesmo, é aqui definido como unidade abstrata subjacente a um conjunto de variantes gramaticais como andar, anda, andando, andava ou pedra, pedras.

Fronteiras categoriais da morfologia do português: o caso do formativo eletro-

Alguns exemplos de xenoconstituintes são -gate, ('panetonegate), pit-, (pitbabá'); -burger, (X-burger'), ciber- (cibercafé), wiki- (wikinovelas) e -leaks (planaltoleaks). Assim como os splinters autóctones, os xenoconstituintes também são elementos de comportamento dúbio, figurando entre a derivação e a composição. Possuem posição fixa à esquerda (pit-; e-) ou à direita (-burger; -gate) e formam palavras em série, o que os aproximam dos afixos. Por outro lado, a vinculação a palavras, por evocação às formas matrizes, assim como os splinters, os afasta da derivação prototípica.

Como foi visto ao longo desta seção, as unidades morfológicas (prefixos, splinters, xenoconstituintes, neoclássicos, afixoides) não se encaixam perfeitamente em categorias discretas, pois sempre apresentam propriedades que fogem àquelas esperadas para um elemento dito pertencente à categoria X ou Y.

Para dar conta desse impasse, Gonçalves e Andrade (2012) propõem, com base na noção de *continuum*, que tais categorias se distribuem ao longo do *continuum* derivação-composição, conforme esquema abaixo.



É com base nessa distribuição e em critérios empíricos que analisaremos o comportamento do formativo eletro- nas formações eletro-X.

O CORPUS

O corpus analisado se constitui de 329 palavras recolhidas de dicionários eletrônicos (HOUAISS, 2002; AULETE, 2011), de *sites* de relacionamento, como *Orkut* e *Facebook*, do *site Youtube* e de pesquisas feitas na página do *Google*. Foi utilizada também uma ferramenta do *Google* chamada Alerta - que possibilita ao usuário receber emails com o(s) *link(s)* do(s) *site(s)* em que aparece(m) a palavra, frase, tema ou assunto determinado pelo usuário.

O corpus é bem diversificado e contém palavras como:

- (a) 'eletrão' e 'elétrico', em que eletro- se junta a afixos (18 dados);
- (b) 'eletrologia' e 'eletrômetro', em que eletro- se junta a uma base presa (31 dados);
- (c) 'eletrobomba' e 'eletromotor', em que eletro- apresenta a acepção de eletricidade/elétrico/eletrônico; (243 dados);
- (d) 'eletrorrock' e 'eletrosamba', designando mistura do gênero musical 'eletromusic' com outro gênero, e 'eletrofolia' e 'eletrolual', designando eventos na esfera da música eletrônica. Em ambos os casos, eletro- participa de formas recompostas a partir do truncamento de 'eletromusic' (28 dados); e

(e) ‘eletroshopping’ e ‘eletroimportado’, cujas formas recompostas se constroem a partir do truncamento de ‘eletrodoméstico’/‘eletroeletrônico’ (9 dados).

Foi feito, também, um teste de avaliação subjetiva com o intuito de averiguar como os falantes interpretam a cabeça morfológica - um dos critérios para avaliação do estatuto morfológico de um dado item - das construções eletro-X, se à direita ou à esquerda.

O teste conta com 24 questões, cada uma com um dado de eletro-X, seguido das perguntas “Você conhece essa palavra?” e “Como você interpreta essa palavra?”. Com a primeira pergunta pretendemos verificar se a resposta do falante foi totalmente intuitiva ou se ele já tinha conhecimento prévio da palavra e, conseqüentemente, de alguns possíveis contextos, já que os dados estão todos descontextualizados. A segunda pergunta serviu-nos para saber se os partiam suas interpretações da esquerda para a direita ou da direita para a esquerda.

O ESTATUTO MORFOLÓGICO DO FORMATIVO ELETRO-

Devido aos inconvenientes da categorização aristotélica, propomos, nesta seção, uma análise do formativo eletro-, nas construções eletro-X, com base na noção de *continuum*, propondo que essa partícula figura entre a derivação e a composição, apresentando, em decorrência, características de ambas as categorias. Para isso, serão utilizados treze critérios (GONÇALVES; ANDRADE, 2012; GONÇALVES, 2011a) que servirão de parâmetros para o estatuto morfológico de eletro- e sua posição no *continuum*.

Subjaz à proposta de um *continuum* um conjunto de atributos que define o protótipo de determinada categoria. Em outras palavras, existe um membro considerado o mais representativo. No presente trabalho, as categorias em jogo são a derivação e a composição e seus membros representativos são os afixos (para a derivação) e os radicais/palavras (para a composição).

Serão apresentados treze critérios que tratam justamente das características de cada um desses elementos modelares e nos servirão de base para, ao longo da análise, compararmos o formativo eletro- a afixos e a radicais/palavras mais modelares. Partindo do princípio de que derivação e composição são extremos prototípicos de um *continuum*, nosso intuito é verificar em que medida tal elemento morfológico se afasta ou se aproxima de um ou de outro extremo, ou seja, qual é sua posição no *continuum* derivação-composição.

Cabe ressaltar que esses critérios, olhados como independentes, não nos permitem chegar a uma classificação definitiva. Apenas a análise conjunta de todos eles nos autoriza diagnosticar o estatuto morfológico de determinado elemento.

(1) **Restrição posicional** – *afixos tem uma posição fixa (à esquerda ou à direita) na palavra morfológicamente complexa.*

Eletro- figura sempre à esquerda das formações eletro-X, logo por esse critério devemos classificá-lo como um afixo – mais precisamente um prefixo.

(2) **Limitações estruturais do formativo** – *afixos são formas presas; radicais são formas livres.*

Fronteiras categoriais da morfologia do português: o caso do formativo eletro-

Eletro- sofre truncamento, podendo funcionar sozinho como palavra (“O médico marcou meu **eletro** para quarta-feira” - eletro por eletrocardiograma). Dessa forma, pode-se afirmar que, segundo esse critério, eletro- se comporta como radical e não como afixo.

(3) **Relação morfologia prosódia** – *afixos não projetam categoria prosódica; radicais, ao contrário, projetam categoria prosódica.*

Eletro- projeta categoria prosódica; dois indícios são a manutenção da vogal média baixa após a operação morfológica e a possibilidade de truncamento. Logo, segundo esse critério, eletro- se comporta como radical e não como afixo.

(4) **Estabilidade funcional** – *afixos possuem o papel de mudar a classe da base a que se adjungem (função sintática) e adicionam um valor semântico específico e estável nas formações de que participam (função semântica).*

Eletro- não ocasiona mudança de classe nas bases a que se junta, além de apresentar valor semântico variável (“eletricidade”; “música eletrônica”; “eletrodoméstico”). Novamente, eletro- apresenta comportamento semelhante a de um radical.

(5) **Criação de série de palavras** – *afixos apresentam alta produção de formas linguísticas, criando séries exaustivas de palavras na língua, ao contrário de radicais/palavras que apresentam caráter mais esporádico quando em construções morfológicamente complexas.*

Há 280 dados de palavras do tipo eletro-X no corpus. Logo, pelo critério da aplicabilidade, eletro- se comporta como afixo.

(6) **Densidade semântica** – *Afixos atualizam significados mais gramaticais, mais gerais; radicais, ao contrário, são semanticamente mais densos, veiculando conteúdos mais lexicais.*

Eletro- apresenta significados equivalentes aos de substantivos (“eletricidade”, “música eletrônica” e “eletrodoméstico”). Sendo assim, eletro- é um formativo semanticamente denso, característica típica de radicais.

(7) **Estabilidade semântica.** – *Afixos são semanticamente mais estáveis, apresentando sempre o mesmo valor semântico em todas as formações de que participam. Além disso, “os itens lexicais resultantes tendem a ser interpretados composicionalmente” (GONÇALVES; ANDRADE, 2012: 3).*

Eletro- veicula conteúdo semântico variável, porém, as construções são interpretadas composicionalmente. O caráter composicional, porém, não é exclusividade das construções derivadas. Há palavras compostas que também são interpretadas composicionalmente (“sofá-cama”). Podemos afirmar, então, que, seguindo esse critério, eletro- tem comportamento próximo ao de um radical por ser semanticamente instável.

(8) **Seleção categorial** - *Afixos selecionam, categorial e/ou semanticamente, os constituintes com que se combinam.*

Eletro- se anexa a substantivos inanimados; logo faz seleção categorial e deve, por esse critério, ser considerado um afixo.

(9) **Combinabilidade** - *Afixos não se combinam entre si, ao contrário dos radicais, que podem se combinar.*

Eletro- não se combina com outros afixos (*eletroeiro; *eletroada; *a-eletro, *pré-eletro, *ineletro). Por esse critério, eletro- deve ser classificado como afixo e não como radical.

(10) **Posição da cabeça lexical** – *na derivação, a posição prototípica da cabeça lexical é à direita; e*

(11) **Relação entre os constituintes** – *na derivação, não há relação de coordenação entre os constituintes, como pode haver na composição (sofá-cama).*

Palavras como ‘eletrobomba’ (cabeça à direita e relação de subordinação entre os constituintes), ‘eletroásia’ (cabeça à esquerda e relação de subordinação entre os constituintes) e ‘eletrossamba’ (não parece haver uma cabeça e a relação entre os constituintes é de coordenação) são indícios de que as formações eletro-X se comportam como compostos, já que a cabeça lexical pode estar à direita, à esquerda ou mesmo não haver uma cabeça e, além disso, permitem relação de coordenação entre os constituintes.

(12) **Flexão periférica** – *na derivação, a flexão é sempre periférica; e*

(13) **Endocentrismo e Exocentrismo** – *na derivação, as formações são predominantemente endocêntricas⁵, diferente da composição, em que há as duas possibilidades.*

Nas formações eletro-X a flexão sempre periférica (‘eltrobombas’; ‘eletrofitas’) e todas as formações são endocêntricas, pois a interpretação das palavras parte da cabeça morfológica da palavra.

O quadro a seguir resume a análise aqui realizada.

⁵ Segundo Sandmann (1993), palavras morfológicamente compostas podem ser endocêntricas ou exocêntricas. No primeiro caso a interpretação parte da cabeça morfológica da palavra, ou seja, de dentro da própria palavra. Compostos endocêntricos têm caráter mais composicional. No segundo caso, a interpretação da palavra se dá de maneira holística e está fora da palavra. Dois exemplos bastante ilustrativos da diferença entre esses conceitos são peixe-espada e beija-flor. Em peixe-espada tem-se um peixe que tem formas que lembram uma espada. O peixe espada é um peixe. A interpretação de beija-flor, por sua vez, não parte nem do primeiro elemento, nem do segundo elemento. O beija-flor não é um ‘beija’ tampouco uma ‘flor’. A interpretação dessa palavra está fora da própria palavra (exocêntrica).

Fronteiras categoriais da morfologia do português: o caso do formativo eletro-

Critérios	Tipo de formativo	
	Afixo	Radical
1. Restrição posicional	X	
2. Limitações estruturais		X
3. Morfologia e prosódia		X
4. Estabilidade funcional		X
5. Aplicabilidade	X	
6. Densidade semântica		X
7. Previsibilidade semântica		X
8. Restrições semânticas e sintáticas	X	
9. Combinabilidade	X	
10. Cabeça lexical		X
11. Relação entre os constituintes		X
12. Tipo de flexão	X	
13. endocêntrico X exocêntrico	X	

Figura 1. Estatuto de eletro segundo cada critério.

Com seis características de afixo e sete de radical, esse formativo figura numa posição intermediária entre o que se considera o protótipo de afixo e o protótipo de radical.

AS VÁRIAS FACES DO FORMATIVO ELETRO-

O formativo eletro- vem do grego *elektron*, que significa âmbar, uma resina fóssil amarelada. Essa resina, ao ser atritada, é capaz de atrair pequenos corpos que lhe estão próximos. Foi no Renascimento – período de largo desenvolvimento científico e, principalmente, a época em que surgiram os internacionalismos – que se deu a associação entre os fenômenos hoje conhecidos como elétricos e a palavra *electrum*, forma latinizada de *elektron*, devido à propriedade atrativa do âmbar quando atritado.

Tavares (2013), acerca da história do radical eletro-, chega à conclusão de que palavras como ‘eletricidade’, ‘elétrico’ e muitas das formações eletro-X do português, sobretudo as mais antigas, não são 100% autóctones, mas sim formações importadas, muito provavelmente, do inglês. Para ele, as formações eletro-X em que eletro- significa “eletricidade/energia elétrica” provavelmente foram decalques⁶ do inglês, mas, “em decorrência da base etimológica comum, logo perderam a feição de empréstimos e foram bem incorporadas ao léxico do português, como comprovam formações recentes como ‘eletrotáxi’, ‘eletrolivro’, ‘eletrobomba’, sem qualquer respaldo em inglês (TAVARES, 2013: 55).

A provável origem estrangeira do formativo nos lança a novos questionamentos acerca do seu estatuto morfológico. Seria esse formativo um radical neoclássico, um prefixo, um afixoide, um *spinter* ou um xenoconstituente?

Mesmo admitindo como verdadeira a hipótese de empréstimo do inglês, é preciso levar em consideração que o empréstimo foi de formações prontas – tanto de palavras derivadas quanto de formações do tipo eletro-X – e não apenas do formativo eletro-, o que afasta a hipótese de ser um xenoconstituente autêntico.

Acreditamos, pois, ser mais coerente olhar para eletro- como um afixoide do inglês que foi importado para a língua portuguesa através de construções já prontas. Muito provavelmente, a

⁶ Assumpção Jr. (1986: 109) define decalque como “a aquisição de forma léxica ou locução estrangeira, através da substituição, por forma léxica vernácula, de significação equivalente criada para esse fim”. Para Pisani (1967: 79), o decalque é “especialmente usado quando se devem criar palavras para exprimir um conceito novo chegado do exterior, e não se quer adotar a palavra estrangeira”.

ampla utilização desse formativo na nomenclatura científica, o fato de elementos neoclássicos terem caráter universal com correspondentes em diversas línguas – inclusive o português – e a fixação desses empréstimos no léxico, levando à formação em série, fez com que eletro- se nativizasse, formando palavras genuinamente portuguesas sem soar anglicismos.

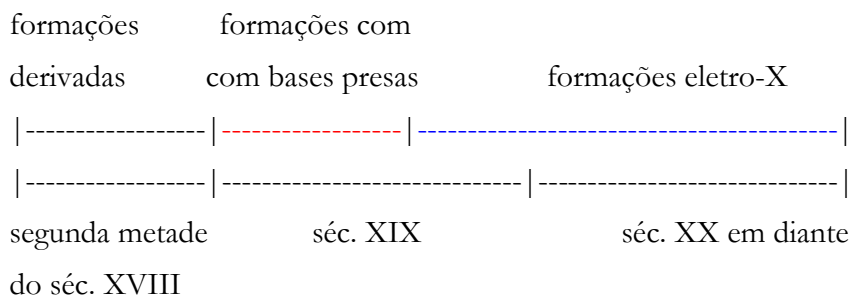
A favor dos que advogam ser eletro- um prefixo estão, como principais argumentos, o fato de ocupar sempre a primeira posição da palavra morfológicamente complexa, a capacidade de formar palavras em séries e o fato de se anexar a palavras com livre curso na língua. Entretanto, uma classificação com base apenas nesses três critérios pode ser muito frágil e de fácil contestação.

Há algumas formações em que eletro se une a sufixos, como ‘elétrico’, ‘eletrificar’ e seus derivados ‘eletricidade’, ‘eletrificação’, ‘eletricista’. Esses dados podem nos fazer crer que tal elemento é um radical. Esse é, inclusive, o argumento de Duarte (1999) para colocar eletro- no rol dos radicais. Outro argumento em prol dessa classificação é o fato de eletro- se unir a outros radicais para formar compostos; seriam os casos de composição de bases presas, a exemplo de ‘eletrômetro’. Por outro lado, cabe levar em consideração o baixo número de palavras na língua portuguesa em que eletro- se une a afixos (18 dados coletados) ou a outras bases (31 dados coletados) para formar palavras. Esse é um número muito baixo em comparação ao total de dados do tipo eletro-X (280 dados coletados).

As formações mais antigas, datadas do séc XVIII, são as palavras derivadas com eletro-combinado com um sufixo. Tomamos por base as formações derivadas mais básicas, que são ‘eletricidade’ (1759), ‘elétrico’ (1789) e ‘eletrizar’ (1789), por entendermos que as demais formações, como ‘eletricista’ (1899) e ‘eletrização’ (1844), por exemplo, derivam de uma dessas três primeiras. Todas as formações com bases presas datam do séc. XIX – ‘eletróforo’ (1844); ‘eletrógeno’ (1899), ‘eletrografia’ (1899); ‘eletrólito’ (1858); ‘eletrologia’ (1899); ‘eletrômetro’ (1844).

As formações eletro-X são praticamente todas do séc. XX, com algumas já da segunda metade do séc. XIX – eletrogalvânico (1873); ‘eletróimã’ (1899); ‘eletromagnético’ (1858). Do séc. XX em diante, eletro- deixa de se adjungir a afixos e bases presas para se anexar apenas a formas livres, cristalizando a construção eletro-X, em que X é uma forma livre e eletro-, um elemento com comportamento muito próximo ao de um prefixo. Além disso, cabe ressaltar que o fato de se unir apenas a formas livres fez com que não houvesse mais variação na acentuação primária, que ora caía no primeiro elemento (eletróforo, eletrógeno), ora caía no segundo (eletrologia, eletrofone).

Podemos traçar a seguinte linha do tempo para o formativo eletro- na língua portuguesa



Fronteiras categoriais da morfologia do português: o caso do formativo eletro-

Essa breve análise nos revela que eletro- se moveu na direção léxico >>> gramática, evidenciando, assim, a maleabilidade da fronteira derivação-composição, como propõem Bauer (2005) e Gonçalves (2011a), para quem “*processos de gramaticalização evidenciam a possibilidade de transitar da composição para a derivação*” (GONÇALVES, 2011a: 12).

Todo esse histórico nos faz chegar à conclusão de que as formações derivadas e as formações com bases presas com eletro- não passam de fósseis linguísticos e, por isso mesmo, não devem ser vistas como impasses descritivos ou argumentos confiáveis para fins taxonômicos.

Na seção “*Um breve olhar para a categorização das estruturas morfológicas*”, apresentamos as definições de neoclássicos, afixoides (neoclássico ressemantizado), *splinters* e xenoconstituintes (*splinters* do inglês utilizados para formar palavras na língua tomadora).

De fato, eletro- é um elemento neoclássico que compactou o significado de uma palavra matriz (*electricity*) culturalmente relevante num dado período histórico e fixou-se na primeira posição.

Em se tratando do conceito de recomposição e suas condições de ocorrência, as formações eletro-X se encaixam quase perfeitamente, salvo por um detalhe: a forma gatilho que deu origem à formação não é um composto, mas uma palavra derivada – ‘eletricidade’ (TAVARES, 2013). As formas eletro-X são as únicas de que se tem conhecimento até então que partem de uma forma gatilho derivada e não composta.

Comparando o caso de eletro- com o de outros elementos, como tele-, info- e ciber-, respectivamente, neoclássico, *splinter* e xenoconstituinte, vemos que todas essas formas têm em comum o fato de compactarem o significado de uma palavra-matriz culturalmente relevante num dado período histórico e se fixarem na primeira posição. O que distingue as formações eletro-X das formações tele-X é o único fato de este ter como forma gatilho um composto, ao passo que aquele vem de uma palavra derivada. Já info-X se assemelha às formações eletro-X por não vir necessariamente de um composto. Entretanto *splinters* são sempre partes não morfêmicas das formas gatilhos, ao contrário de eletro-, que já tem estatuto de morfema em ‘eletricidade’.

O mesmo se dá na comparação entre ciber-X e eletro-X, em que ciber- não tem estatuto de morfema na forma gatilho. Assemelha-se, porém, a eletro- pelo caráter de empréstimo do inglês, com a ressalva de que, no caso de ciber-, apenas o formativo foi importado, o que marca mais uma diferença, já que, provavelmente, no caso de eletro-, foram importadas construções prontas. Além disso, ciber- e info- não são elementos neoclássicos, como o é eletro-.

Toda essa rede de diferenças e semelhanças corrobora a não rigidez não só das fronteiras entre composição/derivação, como também das fronteiras entre as várias categorias que se distribuem ao longo desse *continuum* – prefixos, prefixoides, xenoconstituintes, *splinters*, neoclássicos, radicais – já que eletro- apresenta pelo menos uma característica de cada uma delas.

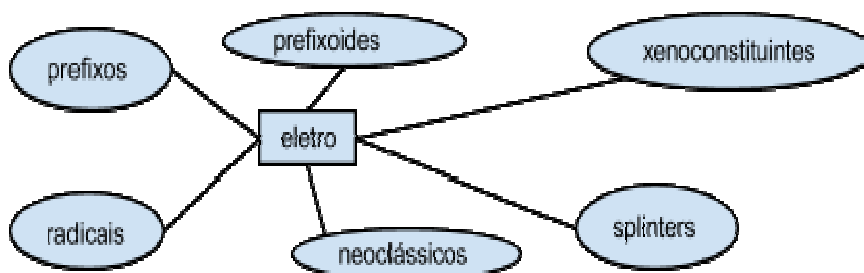


Figura 2. Estrutura de semelhanças de família de eletro-.

A figura acima representa a estrutura em forma de semelhanças de família, em que eletro- se aproxima mais de umas categorias - prefixoides e neoclássicos, por exemplo - e menos de outras - xenoconstituintes e splinters - partilhando, porém, semelhanças e diferenças com todas elas.

PALAVRAS FINAIS

Neste trabalho, descrevemos e analisamos o comportamento e o estatuto morfológico do formativo eletro- nas construções eletro-X. Com relação ao objetivo principal do trabalho, vimos que eletro- figura numa zona intermediária entre a derivação e composição, apresentando sete características desta e seis características daquela. Além disso, eletro- não só figura na mediatriz do continuum derivação-composição, como também é um bom representante da maleabilidade entre as diversas categorias morfológicas que aí se distribuem, já que apresenta semelhanças tanto com prefixos como com prefixoides, radicais neoclássicos, xenoconstituintes e *splinters*, corroborando a noção de estrutura em semelhanças de família.

Por fim, mostramos, ao longo do trabalho, que elementos morfológicos de comportamentos heterogêneos são mais bem descritos sob a ótica de modelos que flexibilizam as fronteiras categoriais, com base nas noções de continuum, prototipicidade e radialidade. Nossa análise acerca de eletro- corrobora, portanto, a ideia de que uma classificação aristotélica se mostra falha na tentativa de rotular as categorias morfológicas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALI, S. *Gramática Histórica da língua portuguesa*. São Paulo: Melhoramentos. 1966. 375 p.
- AMIOT, D. Between compounding and derivation: Elements of word-formation corresponding to prepositions. In: DRESSLER, W. et al. (eds.) *Morphology and its Demarcations*. Amsterdam / Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, p. 183-196, 2005.
- ASSUMPÇÃO Jr., A. P. de. *Dinâmica léxica portuguesa*. Rio de Janeiro: Presença, 1986.
- AULETE, C. *Dicionário contemporâneo da língua portuguesa*. Versão eletrônica.
- BAUER, L. *A Glossary of Morphology*. Washington, DC. Georgetown Univ. Press 2004.
- _____. The borderline between derivation and compounding. In: DRESSLER, W. et al. (eds.) *Morphology and its Demarcations*. Amsterdam / Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, p. 97-108, 2005.
- BOOIJ, G. Compounding and Derivation. Evidence for Construction Morphology. In: DRESSLER, W. et al. (eds.) *Morphology and its Demarcations*. Amsterdam / Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, p. 109-131, 2005.
- CAMARA JR., J. M. *Princípios de Lingüística Geral como Fundamento para os Estudos Superiores da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1969.
- _____. *História e Estrutura da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Padrão, 1976. 264 p.
- _____. *Dicionário de Lingüística e gramática referente à língua portuguesa*. 5ª ed. Petrópolis: Vozes Ltda, 1977. 266 p.
- CORBIN, D. French (Indo-European: Romance). In: BOOIJ, G.; LEHMANN, C.; MUGDAN, J. (eds.) *Encyclopédie Internationale de Morphologie*. Article 121, Berlin: Walter de Gruyter, 2000.

Fronteiras categoriais da morfologia do português: o caso do formativo eletro-

- _____. Préfixes et suffixes: du sens aux catégories. *Journal of French Language Studies*, v. 11, n. 1, p. 41-69, 2001.
- CUNHA, A. G. *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Lexikon, 1982.
- CUNHA, C. F. da. *Gramática da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: FENAME, 1985.
- _____.; CINTRA, L. F. L. *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.
- DUARTE, P. M. Contribuição para o estudo do pseudoprefixo em português. *D.E.L.T.A.*, v. 15, n. 2, p. 343-353, 1999.
- _____. Fronteiras lexicais: sugestão para uma delimitação dos prefixoides em português. *Revista Philologus*, ano 14, n. 42. Rio de Janeiro: CiFEFiL, set./dez. 2008.
- FABB, N. Compounding. In: SPENCER, A.; ZWICKY, A. (eds.). *The Handbook of Morphology*. Oxford: Blackwell, p. 66-83, 1998.
- GONÇALVES, C. A. “Paitrocínio, tecno-macumba, maridoteca”: o comportamento das formações combinatórias no português do Brasil. *ABRALIN*, v. 10, n. 2, 2011.
- GONÇALVES, C. A.. Composição e Derivação: Polos Prototípicos de um Continuum? Pequeno estudo de casos. *Domínios da Linguagem*, Uberlândia, n. 5, 2011a.
- GONÇALVES, C. A.. Compostos Neoclássicos: Estrutura e Formação. *REVEL – Revista Virtual de Estudos da Linguagem*, Porto Alegre, n. 14, 2011b.
- GONÇALVES, C. A. & ANDRADE, K. E. El *status* de los componentes morfológicos y el *continuum* composición–derivación en portugués. *Linguística* (Madrid), 35 (2): 9-28, 2012.
- GONÇALVES, C. A.; ALMEIDA, M. L. L. Por uma cibermorfologia: abordagem morfossemântica dos xenocostituintes em português. In: MOLLICA, M. C.; GONZALEZ, M. (Org.). *Linguística e Ciência da Informação: Diálogos Possíveis*. Curitiba: Appris, p. 105-127, 2011.
- GONÇALVES, C. A.; ANDRADE, K. E.; ALMEIDA, M. L. L. Se a macumba é para o bem, então é boacumba: análise morfoprosódica e semântico-cognitiva da substituição sublexical em português. *Linguística*, Rio de Janeiro, v. 6, p. 64-82, 2010.
- GUEVARA, E.; SCALISE, S. Searching for universals in compounding. In: BISETTO, A.; MAGNI, E.; SCALISE, S. (eds.) *Universals in language today*. Dordrecht: Springer, p. 101-128, 2009.
- HOUAISS. *Dicionário Digital da Língua Portuguesa - versão 1.0*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002.
- IORDAN, I.; MANOLIU, M. *Manual de Linguística Românica*. Madrid: Gredos, 1980.
- KASTOVSKY, D. Astronaut, astrology, astrophysics: About Combining Forms, Classical Compounds and affixoids. In: MCCONCHIE, R. W. et al. (eds.). *Selected Proceedings of the 2008 Symposium on New Approaches in English Historical Lexis (HEL-LEX 2)*. Somerville, MA: Cascadilla Proceedings Project, p. 1-13, 2009.
- KATAMBA, F. *Morphology*. New York: Saint Martin Press, 1990.
- LI CHING. Sobre a Formação de Palavras com Prefixos no Português Actual. *Separata de Boletim de Filologia*, 22, p. 3-100, 1973.
- LÜDELING, A. *Neoclassical word-formation*. Berlin: Universität zu Berlin, 2009.
- MACHADO, J. P. *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. 2ª ed., Lisboa, 1967.
- MARCHAND, H. Expansion, Transposition and Derivation. *La Linguistique*, 1, p. 13-26, 1967.

- MARCHAND, H. *The Categories and Types of Present-day English Word-formation*. München: Beck, 1969.
- MATTHEWS, P.H. *Morphology: An Introduction to the Theory of Word Structure*. Cambridge, UK: Cambridge University Press, 1974.
- NASCENTES, A. *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. 1ª ed. (2ª tiragem), Rio de Janeiro, p. 168, 1955.
- OLIVEIRA, P. A. ; GONÇALVES, C. A. . O processo de recomposição e os formativos eco- e homo- no português brasileiro: compressão semântica e análise estrutural. In: IV SEMINÁRIO DO NEMP, 2011, Rio de Janeiro. *Cadernos do Nemp*. Rio de Janeiro : Universidade Federal do Rio de Janeiro, v. 2. p. 173-186, 2011.
- PEREIRA, E. C. *Gramática Expositiva*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1940.
- PISANI, V. *Linguistica generale e indeuropea*. Torino: Rosenberg & Sellier, 1967.
- RALLI, A. Compounding versus derivation. In: SCALISE, S.; VOGEL, I. (eds.) *The Benjamins Handbook of Compounding*. Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2010.
- ROCHA, L. C. de A. *Estruturas morfológicas do português*. 2ª ed., São Paulo: Martins Fontes, 2008.
- SAID ALI, M.. *Gramática histórica da língua portuguesa*. São Paulo: Melhoramentos, 1966.
- SANDMANN, A. J. *A formação de palavras no português brasileiro contemporâneo*. Curitiba: Ícone, 1985.
- SANDMANN, A. J. *Morfologia lexical*. São Paulo: Contexto, 1989.
- SANDMANN, A. J. *Morfologia Geral*. 2ª ed., São Paulo: Contexto, 1993.
- SCALISE, S. *Generative Morphology*. Foris: Dordrecht, 1984.
- SCALISE, S.. BISETTO, A; GUEVARA, E. Selection in compounding and derivation. Università di Bologna. In: DRESSLER, W. et al. (eds.) *Morphology and its Demarcations*. Amsterdam / Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, p. 133-152, 2005.
- TAVARES, J.C. *O estatuto morfológico do formativo eletro- em português*. Dissertação (Mestrado em Letras Vernáculas). Rio de Janeiro: Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2013.

Fronteiras categoriais da morfologia do português: o caso do formativo eletro-

CATEGORIAL BORDERS IN MORPHOLOGY OF BRAZILIAN PORTUGUESE: THE
CASE OF ELECTRO- FORMATIONS

Abstract: *Study on morphological element in electro-X constructions, where X is a free morpheme, like 'eletrobalança'. Based on the notion scalarity, continuum and prototypicality, aims to describe and analyze the electro-formation, in order to ascertain their morphological status in electro-X constructions. We also intend to show that the electro-formation is a good example of the flexibility between the categorical boundaries.*

Key-words: *Compounding; Derivation; affix; affixoid.*